



A ALEGRIA DO MOVIMENTO: AS LEMBRANÇAS NÔMADES DE "SUCCOT"¹

■ SONIA BLOOMFIELD RAMAGEM
Departamento de Geografia – UnB

INTRODUÇÃO

● presente trabalho faz parte de uma trilogia sobre o estudo dos grandes rituais agrícolas judaicos enquanto *práticas espaciais* (Corrêa, 1995), não tendo a ambição de ser uma obra especializada em estudos Bíblicos. Seu foco é o estudo das relações ritualizadas entre o *espaço* e a *cultura*, sob um prisma interdisciplinar *geográfico*² e *antropológico*³. Neste sentido, um primeiro ritual – *Shavuot* – já foi analisado⁴, e em futuro próximo seguir-se-á o estudo de *Pessach* (Páscoa Judaica). Desta forma, o presente texto é parte integrante de um conjunto que se propõe a analisar as ligações entre o Judaísmo e a Ecologia, esta última entendida como estudo das relações dos povos com seus ambientes.

Neste sentido, o conjunto destes trabalhos faz parte da terceira proposta temática de Rosendahl "*para a compreensão do fato religioso visto geograficamente*" (1995:46), qual seja, a do estudo da *religião* relacionada à questão do *território* e da *territorialidade*:

É nesta poderosa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas, ampliando muitas vezes o controle sobre territórios que a religião se estrutura enquanto instituição. Territorialidade, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território (1995:56).

O PRESENTE
TEXTO É PARTE
INTEGRANTE DE
UM CONJUNTO
QUE SE PROPÕE A
ANALISAR AS
LIGAÇÕES ENTRE O
JUDAÍSMO E A
ECOLOGIA, ESTA
ÚLTIMA
ENTENDIDA COMO
ESTUDO DAS
RELAÇÕES DOS
POVOS COM SEUS
AMBIENTES

¹ A palavra *Succot* é transliterada de maneiras diversas: *Sukkoth*, *Sukkot*, *Succoth* e *Succot*. Este trabalho emprega o termo *Succot*. A palavra significa "cabana", a Festa dos Tabernáculos, e é também o Sexto Tratado da *Mishnah* (Lei Oral) que lida com a Festa mencionada.

² Vide *Proceedings* da "*International Conference Geography in Jewish Studies*" – University of Maryland, College Park & The Library of Congress, Washington D.C., 1995.

³ Para discussões sobre a contribuição da antropologia aos estudos bíblicos, veja "*Anthropology and The Old Testament*", por John W. Rogerson, in *The World of Ancient Israel*, ed. Clements, 1993 (bibliografia).

⁴ Trabalhos apresentados pela autora em: (1) X Encontro Nacional de Geógrafos, Julho 1996: "*Judaísmo e Ecologia: um Encontro Entre a Cultura e o Espaço*"; e (2) XX Reunião Brasileira de Antropologia, Abril 1996: "*Judaísmo e Mundo Natural*".

Os estudos sobre o *território* e a *territorialidade* judaicas – que não podem ser entendidos em separado da religião judaica (Bloomfield Ramagem 1983, 1993, 1996) – são aqui empreendidos através do estudo do ritual de *Succot*, valendo-se dos conceitos de **espaço** e **cultura**, os quais encontram-se unidos no que Corrêa (1995) denomina de **práticas espaciais**, as quais formam um:

... conjunto de ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço... resultam, de um lado, da consciência que o Homem tem da diferenciação espacial. Consciência que está ancorada em padrões culturais próprios a cada tipo de sociedade e nas possibilidades técnicas disponíveis em cada momento... Resultam, de outro lado, de diversos projetos, também derivados de cada tipo de sociedade, que são engendrados para viabilizar a existência e a reprodução de uma atividade ou de uma empresa, de uma cultura específica, étnica ou religiosa, por exemplo, ou a sociedade como um todo... São meios efetivos através dos quais objetiva-se a gestão do território, isto é, a administração e o controle da organização espacial em sua existência e reprodução (1995:35) [Grifo meu].

As práticas espaciais estão intrinsecamente unidas à questão cultural, pois sendo o Homem

produtor e produto da cultura, ocupa concretamente o espaço, criando-o e recriando-o, utilizando-se para tal de formas simbólicas (i.e. culturais) compartilhadas com os demais membros de sua comunidade étnica e/ou religiosa (Corrêa, Op. cit.). Com relação às práticas espaciais

hebraicas, vale lembrar as palavras de Chouraqui (1995), traduzindo e comentando (1) a jornada de Abraão do norte ao sul da Terra de Canaã até o Negev:

Abram segue seu caminho: a construção de altares a Adonai constitui um ato de apropriação de terra e uma manifestação de reconhecimento em relação à Divindade (1995: 134) [Grifo meu].

e (2) a compra de um pedaço de terra por Yaakov, em Gênesis 33: 19-20 (“Ele compra a parcela do campo onde armara sua tenda... Ergue ali um altar e o clama: ‘El Elobîms de Israel’”); seguindo-se o comentário ao pé-da-página:

um altar – o altar, como a estela, casa a divindade com a terra: sua construção constitui um ato de apropriação do local onde são erigidos pelo homem e pelo Elobîms a que servem. Daí a importância dessa atitude constante dos patriarcas, cuidadosos de realizar a promessa de ter um país para eles e para seus descendentes. (Op.cit.:352) [Grifo meu].

AS PRÁTICAS ESPACIAIS ESTÃO INTRINSECAMENTE UNIDAS À QUESTÃO CULTURAL, POIS SENDO O HOMEM PRODUTOR E PRODUTO DA CULTURA, OCUPA CONCRETAMENTE O ESPAÇO, CRIANDO-O E RECRIANDO-O, UTILIZANDO-SE PARA TAL DE FORMAS SIMBÓLICAS (I.E. CULTURAIS) COMPARTILHADAS COM OS DEMAIS MEMBROS DE SUA COMUNIDADE ÉTNICA E/OU RELIGIOSA

Observa-se neste trecho Bíblico, e em seu comentário, como a posse do território e a territorialidade da Terra Prometida, na Era dos Patriarcas, era criada: através da compra e da sacralização do espaço através da construção de altares, com o uso de pedras ou estelas. Posteriormente, aquele território foi incrementado com guerras de conquista e alianças matrimoniais.

Concluindo esta Introdução, enfatiza-se que o objetivo geral deste trabalho é o de estudar as práticas espaciais da religião judaica, encontradas em sua "Carta Mítica" – o *Tanach*, com ênfase na *Torah* – enquanto elementos históricos de posse de um território, Israel, e do conjunto de práticas desenvolvidas, territorialidade, para seu controle.

Por outro lado, seu objetivo específico é o de analisar o ritual de *Succot*, que lembra os quarenta anos em que o povo hebreu vagou pelo deserto antes de atingir a Terra Prometida, ao mesmo tempo em que comemora o fim da estação agrícola, com o fim da colheita e da estocagem.

A BÍBLIA HEBRAICA: O *TANACH* _____

A Bíblia hebraica, denominada *Tanach*, ou *Kitvei Ha-Kodesh*, "Escrituras Sagradas", é constituída por

24 Livros divididos em três partes: (1) a *Torah*, ou Pentateuco (vide abaixo); (2) *Neviim*, Os Profetas, com os Livros Históricos de Josué, Juízes, Samuel I e II, Reis e coleções de pronunciamentos proféticos nos livros de Isaias, Jeremias, Ezequiel e dos Doze Profetas ditos Menores; e (3) *Ketuvim*, os Hagiógrafos, que contêm Salmos, Provérbios, Jó, Cântico

dos Cânticos, Ruth, Lamentações, Eclesiastes, Esther, Daniel, Esdras, Nehemias e Crônicas.

A *Torah* é o conjunto dos cinco primeiros Livros da Bíblia: Gênesis, Êxodus, Levítico, Números e Deuteronômio. De forma mais ampla, e errônea, o termo tem sido utilizado para abranger todo o conjunto de escritos que os cristãos denominaram o "Antigo Testamento". A *Torah* pode ser lida de diversas formas, desde um relato de genealogias e de deslocamentos espaciais, até a leitura e correlação entre os valores

numéricos de suas frases e palavras (Locks, 1985).

Para o que é de interesse para os objetivos deste trabalho, a *Torah*, em seu primeiro nível manifesto⁵ de leitura – o *Pesbat*⁶ – mostra claramente que a religião judaica e a agricultura⁷ nas terras de Israel estão inextricavelmente unidas, através da representação da abundância como o "bem", e da

OBSERVA-SE NESTE TRECHO BÍBLICO, E EM SEU COMENTÁRIO, COMO A POSSE DO TERRITÓRIO E A TERRITORIALIDADE DA TERRA PROMETIDA, NA ERA DOS PATRIARCAS, ERA CRIADA: ATRAVÉS DA COMPRA E DA SACRALIZAÇÃO DO ESPAÇO ATRAVÉS DA CONSTRUÇÃO DE ALTARES, COM O USO DE PEDRAS OU ESTELAS

⁵ Existem quatro categorias básicas de interpretação bíblica: *Pesbat*, *Remez* (significado oculto no texto), *Derush* (significado midrashico) e *Sod* (significado secreto ou místico). (Unterman, 1992:201).

⁶ Significado direto, embora nem sempre literal de um versículo bíblico. (Unterman, 1992:206).

⁷ A palavra agricultura é composta pelo prefixo *agri*, que significa *campo* em Grego; e *cultura*, que é oriunda do Latim *culto*, ou seja: ato de adoração ou homenagem à divindade (Cunha, 1991).

escassez como o "mal". As imagens poéticas são carregadas de metáforas agrícolas; a bênção Divina é representada como a abundância na colheita. Seu castigo manifesta-se pela seca, pela destruição das colheitas por insetos, pelo fogo, pelo excesso de água e pela perda da fertilidade do solo.

É de extrema importância ter-se uma visão de conjunto do que seja a *Torah* (pelo menos em seu primeiro nível manifesto). O primeiro Livro da *Torah*, o *Gênesis*, trata da criação do mundo, das origens do gênero humano e da história dos Patriarcas até José. O segundo Livro, *Êxodus*, trata da libertação da escravidão no Egito, das andanças pelo deserto e dos Mandamentos, ou seja, a Constituição, ao mesmo tempo civil e religiosa, do povo hebreu. O terceiro, *Levítico*, trata das Leis Sacerdotais; e o quarto, *Números*, trata da história dos hebreus no deserto até sua chegada às margens do Jordão. Finalmente, o último, *Deuteronômio*, contém as palavras de Moisés ao povo relativas à Lei Divina.

Vê-se, assim, que todos estes Livros tratam de um tempo quando os hebreus ainda estão se constituindo como povo, não tendo conquistado em definitivo a Terra Prometida. Ou seja, são textos que contam a história do povo, enquanto nômades, e da terra, justificando sua ocupação posterior. Ao mesmo tempo legislam sobre como esta ocupação deve ser efetuada, ligando inexoravelmente a Terra ao Povo e à Agricultura. Diz-nos o cabalista Safran:

É por isto que o Zohar Chadash é capaz de afirmar (com base em indicações fornecidas na Torah: 'Três estágios (da realidade) estão ligados entre si: o Santo, abençoado seja Ele, a Torah, e Israel, e todos os três são chamados de Etz (árvore) (1995:68).

Não é por acaso, então, que três – Succot, Pessach e Shavuot – dos cinco maiores rituais religiosos judaicos tenham sua origem na agricultura. O ciclo ritual inicia-se em princípios do outono com

Hosh Hoshanah (Ano Novo); seguido onze dias depois por *Yom Kippur* (Dia do Perdão); e cinco dias mais tarde por *Succot* (Tabernáculos). Na Primavera, após as chuvas, celebra-se *Pessach* (Páscoa Judaica) e, após sete semanas, *Shavuot* (Semanas), tendo este último ritual sido analisado anteriormente (Bloomfield Ramagem, 1996a, 1996b).

NÃO É POR ACASO,
ENTÃO, QUE TRÊS –
SUCCOT, PESSACH E
SHAVUOT – DOS CINCO
MAIORES RITUAIS
RELIGIOSOS JUDAICOS
TENHAM SUA ORIGEM NA
AGRICULTURA

SUCCOT: A LEGISLAÇÃO _____

Em Êxodus 23:16 encontra-se a ordem para a celebração de *Succot*:

E a festa da ceifa (Shabuot [sic]), que é das primícias de teus trabalhos, do que semearás no campo, e a festa da colheita (Succot), ao sair o ano, ao recolher teus produtos do campo.

Em Salmos 81:3 encontra-se marcada a data para a realização do festival: mês lunar de *Tishri* (equivalente a setembro/outubro), durante a lua cheia, com duração de um dia.

No Livro de Levítico 23:33-36 é estabelecido que no décimo-quinto dia do sétimo mês do calendário hebraico será iniciada a Festa das Cabanas (*Hag Succot*), com a duração de sete dias, onde serão ofertados sacrifícios e oferendas pré-determinadas nos dias especificados. Nos Versículos 39 a 43 é reforçada a ordem para a celebração do ritual:

Porém, aos quinze dias do sétimo mês, quando recolherdes o produto da terra, celebrareis a festa do Eterno, por sete dias. No primeiro dia será dia de descanso solene, e no oitavo dia será dia de descanso solene. E tomareis para vós, no primeiro dia, o fruto da árvore formosa (etrog), palmas de salgueira [sic], e ramos de murta e de salgueiro de ribeiras, e vos alegrareis diante do Eterno, vosso D-us por sete dias. E celebrareis esta festa, como festa ao Eterno, por sete dias cada ano, estatuto perpétuo pelas vossas gerações, no sétimo mês a celebrareis. Nas cabanas habitareis por sete dias, todo o natural de Israel habitará nas cabanas. Para que vossas gerações saibam que, nas cabanas, fiz habitar os filhos de Israel, quando os tirei da terra do Egito, Eu sou o Eterno, vosso D-us.

Em Números 29:12-38 são definidas quais as oferendas e sacrifícios deverão ser ofertados em cada dia da festividade: farinha-de-trigo e azeite no primeiro dia, bem como o contínuo provimento de novilhos, cordeiros e carneiros como holocausto em todos os dias restantes. Em Deuteronômio 16:13-15 institui-se a participação de homens e mulheres, servos e escravos, o peregrino, o órfão, a viúva⁸ que "*estão nas tuas cidades*". É ordenada que a festa seja de

alegria, seguindo-se uma ordem no Versículo 16 para que esta seja uma das três festas de peregrinação, ou seja, *Pessach*, *Shavuot*, e *Succot*, onde os homens deverão apresentar-se em local determinado com suas oferendas. Acredita-se que:

o tema das cabanas tenha sido introduzido em Deuteronômio como consequência da dificuldade da peregrinação a um Templo central, o que justifica sua extensão para oito dias. Dormir e comer em cabanas temporárias tornou-se necessário devido ao grande número de peregrinos que acorriam à capital [de Israel e do exterior] (Metzger & Coogan, 1993:228).

O RITUAL DE SUCCOT: DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO SUMÁRIA _____

A celebração do ritual de Succot – "*a mais feliz das festividades bíblicas*" (Unterman, 1992:255) – é subdividida em duas etapas rituais. A primeira é aquela em que os judeus constróem cabanas – *succot* – com três paredes de qualquer tipo de material (papelo, pano, tijolo, ou qualquer outro tipo de material, desde que estejam seguros e não se desmoronem). A construção dá-se em seus quintais, e também em suas Sinagogas. Os "muros" têm uma cobertura, denominada *Sekbakh*, que deve ser feita de vegetais que cresçam do chão, embora não deva ter contato imediato com o solo enquanto crescer. A *Sekbakh* deve cobrir as paredes, evitando ao máximo a entrada da luz, embora deva ter, aqui e ali, pequenos buracos por onde se possam ver as estrelas. O teto da cabana deve ser aberto para o

⁸ Fazendo parte de um sistema redistributivo, onde os desprotegidos da fortuna podiam ter acesso aos bens dos mais bem aquinhoados.

céu, não podendo ser construída sob um telhado de uma casa, por exemplo. A abertura para o céu simboliza o ensinamento de que não devemos confiar apenas na força de nossa casa, não importa quão grande e forte ela seja, mas sim na força do Criador.

Em tempos modernos o costume é a família, ou a comunidade, reunir-se para comer nas cabanas. Na antigüidade⁹, no período talmúdico, as pessoas além de lá se alimentarem também dormiam. A *succab*, além de ser uma lembrança do período em que os judeus viveram no deserto, serve também como um ato de confiança no Divino, ao se deixar a própria casa e seus bens entregues à segurança do Eterno.

Um dos costumes originados entre os Cabalistas¹⁰ é o de se convidar sete *Ushpizin* (convidados), um para cada dia da Festa: Abrão, Isaac, Yaakov, Moisés, Aarão, José, e David, simbolizando que nesses dias o passado se torna presente. A cada dia são convidadas pessoas pobres, sem condições de efetuar a Festa por si mesmas, e a elas compete comer o alimento destinado ao *Ushpizin*. Caso isto não seja feito, o ilustre convidado parte e deixa a *Succab*.

Cada dia do Festival é separado como um festival por si mesmo, mas os mais marcantes são os do

primeiro e do sétimo dia. No primeiro dia todo o trabalho é proibido, e devem ser tomadas e unidas as "Quatro Espécies" – *Lulav* (um ramo de palmeira, a mais importante das espécies, com simbolismo do aspecto masculino de Deus), o *Etrog* (fruto cítrico, que é visto por muitos como o fruto da Árvore do Bem e do Mal), a *murta*, e o *salgueiro* – que devem ser sacudidas¹¹ pelos homens em direção aos quatro pontos cardeais, para cima e para baixo. Tal ato faz, segundo Rose (1992), que Succot seja "a" grande festividade ambiental do Judaísmo, o maior elo ecológico, pois ele une a alegria à ação de graças, o conceito moral

ao mundo da natureza. Cada uma destas plantas tem recebido interpretações variadas, mas, para os propósitos deste trabalho – com sua ênfase na ecologia de uma região desértica –, basta dizer que a razão dada pelo *Talmud*¹² é a de que estas sacudidelas afastam os ventos destrutivos.

Nos dias intermediários – *Hol Hamoed* – do segundo ao sexto, apenas trabalhos essenciais podem ser realizados, e a ênfase é na alegria. Nesses dias realizam-se brincadeiras relativas a tradições ligadas às águas e às árvores¹³. Com relação às águas, a lembrança vem do período do Templo, quando retirava-se o líquido da piscina de *Siloam*¹⁴, e o mesmo

QUE SUCCOT SEJA "A"
GRANDE FESTIVIDADE
AMBIENTAL DO JUDAÍSMO,
O MAIOR ELO ECOLÓGICO,
POIS ELE UNE A ALEGRIA À
AÇÃO DE GRAÇAS, O
CONCEITO MORAL AO
MUNDO DA NATUREZA

⁹ Este trabalho comprime o tempo de toda a história judaica em dois períodos: "antigamente" e "agora", pois não há como detalhar cada período histórico em cada local por onde existiram comunidades judaicas.

¹⁰ Os que seguem as tradições místicas, os ensinamentos esotéricos.

¹¹ Existe uma maneira prescrita sobre como e quantas vezes sacudir as Quatro Espécies, mas sua discussão não cabe aqui.

¹² *Talmud* = Obra mais importante da *Torah Oral*, ou seja, as Leis transmitidas oralmente por Moisés, com comentários em aramaico.

¹³ Lembre-se aqui que, segundo os cabalistas, "Ela, a *Torah* e *Israel*, são todos os três chamados de *ETZ* (*árvore*)" Safran, 1995:65. Existe um festival específico para as árvores, *Tu Bi-Shevat*.

¹⁴ *Siloam* = Fonte do túnel construído por Ezequias para abastecer Jerusalém quando a cidade fosse sitiada.

era levado para o Altar do Templo; havendo folguedos, quando os homens dançavam com tochas ou candelabros acesos, e as mulheres em local separado, porém à vista uns dos outros.

Quanto às árvores, é interessante notar que elas são uma *"metáfora para o homem que abandona a natureza em busca de uma vida regalada e de luxo... ou para a exploração da natureza"* (Unterman: 1992:32) [Grifomeu]. Na tradição judaica existem a "Árvore do Bem e do Mal" (cujo fruto imagina-se seja o *Etrog*, consumido em *Succot*) e a "Árvore da Vida", que têm parte das raízes em comum. O nome hebraico *etz* (árvore) encontra-se "embutido" na palavra *Eretz* (Terra), e em *Ietzer* (Criador); a *Torah* é denominada "A Árvore da Vida"; e diz-se que as águas do Paraíso, que irrigam o mundo inteiro, emanam de uma fonte sob a "Árvore da Vida" (Unterman, 1992:32).

O sétimo dia da Festa é denominado *Hosbanah Habab* (Salvai-nos Agora). Na época do Templo, os homens circundavam o Altar sete vezes¹⁵, sacudindo as "Quatro Espécies" e cantando *Hosbanah* (Oh, Liberta!). Segundo Unterman (1992), a partir da Idade Média introduziu-se o costume de tornar o Festival o ápice da estação de arrependimento¹⁶. Até hoje cantam-se os *Hallel* (Salmos 113-8; 136), e é efetuada a leitura do Livro de *Eclesiastes*¹⁷.

No oitavo dia há uma comemoração à parte, denominada *Shemini Atzeret* (Oitavo Dia da Convocação), a qual conclui o ciclo anual das leituras da *Torah* nas Sinagogas, e se reinicia o mesmo com a leitura do Livro de Gênesis (*Simchat Torah*). Neste

dia não mais se fazem as refeições nas cabanas e nem mais se brandem as "Quatro Espécies": terminou o ritual de *Succot*!

A Terra Prometida: Prováveis¹⁸ Dados Sociais e Ecológicos

Antes de levar-se adiante a análise da relação entre a religião, o ritual agrícola e as condições ecológicas da região, é importante lembrar que, conforme colocado por Harris:

... os hebreus pré-históricos – os filhos de Abraão, por volta do segundo milênio [AEC¹⁹] estavam culturalmente adaptados à existência nas áridas regiões escarpadas e pouco habitadas entre os vales fluviais da Mesopotâmia e do Egito. Até conquistarem o Vale do Jordão, na Palestina, no começo do XIII século [AEC] os hebreus eram pastores nômades, vivendo quase que exclusivamente dos rebanhos de carneiro, cabra, e gado. Como todos os povos pastores, mantinham estreitas relações com os agricultores sedentários que controlavam os oásis e os grandes rios. Com o correr do tempo, essas relações levaram a um estilo de vida mais sedentário e voltado para a agricultura (1978:40).

As condições desérticas e semidesérticas da região a ser conquistada – Israel – com sua escassez de solos férteis, baixa densidade pluviométrica, pouca cobertura vegetal, sujeitando a região à perda da camada superior do solo frente aos fortes ventos oriundos do deserto, demonstram a importância que

¹⁵ Não é possível neste trabalho discutir a simbologia numérica do Judaísmo.

¹⁶ Lembrar que *Hag Succot* ocorre cinco dias após *Yom Kippur* (O Dia do Perdão), quando D-us fecha o Livro da Vida.

¹⁷ *Eclesiastes* foi escrito pelo rei Salomão, "desencantado com o estilo de vida indulgente do rei... contendo reflexões e aforismos sobre a futilidade da vida, e criticando os valores convencionais. Este Livro é lido na festa mais feliz do judaísmo para lembrar que 'a vida comum é a mais fútil das futilidades'" (Unterman, 1992:85).

¹⁸ *Prováveis* por estarem baseados em achados arqueológicos nem sempre bem conhecidos e muito disputados entre autores diversos.

¹⁹ Em respeito a outras tradições religiosas que não utilizam o ano de nascimento de Cristo como o início de seus calendários, usam-se as expressões AEC (Antes da Era Comum) e DEC (Depois da Era Comum).

a agricultura e a pecuária adequada tinham para a conquista daquele território, por um povo específico – os Hebreus – necessitando, portanto, da criação de um conjunto de práticas – uma territorialidade – para controlá-lo frente aos povos que já se encontravam estabelecidos na região como agricultores e urbanistas. Sabe-se (de acordo com a literatura antropológica) que as relações entre pastoralistas e agricultores costumam ser de complementaridade, embora muitas vezes com grande desconfiança e lutas entre as partes. Tal fato deve ter sido agravado pelo fato de que, segundo Harris:

Entre 7.000 e 2.000 [AEC]... a população humana do Oriente Médio cresceu 60 vezes. Extenso desflorestamento acompanhou o crescimento demográfico, principalmente como resultado dos estragos permanentes causados pelos grandes rebanhos de carneiros e cabras [primeiros animais a serem domesticados na região, cerca de 9.000 AEC]. Água e sombra... foram ficando cada vez mais escassas. (1978:42).

DEMONSTRAM A
IMPORTÂNCIA QUE A
AGRICULTURA E A PECUÁRIA
ADEQUADA TINHAM PARA A
CONQUISTA DAQUELE
TERRITÓRIO, POR UM POVO
ESPECÍFICO – OS HEBREUS
– NECESSITANDO,
PORTANTO, DA CRIAÇÃO DE
UM CONJUNTO DE
PRÁTICAS – UMA
TERRITORIALIDADE – PARA
CONTROLÁ-LO FRENTE AOS
POVOS QUE JÁ SE
ENCONTRAVAM
ESTABELECIDOS NA REGIÃO
COMO AGRICULTORES E
URBANISTAS

Há cerca de 25 anos havia um consenso entre os estudiosos de questões bíblicas que as origens do povo de Israel eram seminômades, com posterior ocupação das terras de Canaã, e que posteriormente os mesmos transformaram-se em camponeses que se rebelaram contra as cidades-estados de outros povos da região, formando uma nova sociedade, baseada em tribos²⁰ com uma ideologia religiosa específica. Houve uma contenda acadêmica entre Mendenhall (1962) e Gottwald (1979), oriunda das visões Weberianas e Marxistas, respectivamente, sobre qual o papel da religião nas transformações sofridas pela sociedade: o primeiro, em uma visão êmica, acreditava que as mudanças haviam ocorrido devido à nova religião; o

segundo, em uma visão ética, via os textos sagrados como produto das condições materiais da sociedade israelita²¹.

A visão antropológica, mais aceita na atualidade (Plog & Bates, 1980; Gross, 1992), sobre a relação entre nomadismo pastoril e agricultores é a de que a sedentarização não é um avanço em relação ao

²⁰ Cf. discussão de Lemche N.P. *Early Israel. Anthropological and Historical Studies on Israelite Society before the Monarchy*, SVT 37, Leiden, 1985, a respeito de definições de "tribos".

²¹ Atualmente a tendência é a de unirem-se as visões êmicas-visões-de-mundo-e-éticas-estudo do ambiente, práticas agrícolas, variações populacionais em uma tentativa de explicação e entendimento do que houve naquela época. No entanto, tais visões são claramente modeladas pela crença que cada autor possui sobre as datas e formas de escritura e composição do *Tanach*.

nomadismo, posto terem os nômades mobilidade, o que impede seu controle por governos centralizados, que não atendem as suas necessidades específicas. O mesmo aconteceu, segundo Lemche (1985:144), com relação aos hebreus, além do fato de que a relação *nômade/sedentário* não implica necessariamente uma relação de oposição violenta entre as partes envolvidas.

O RELATO BÍBLICO SOBRE A OCUPAÇÃO INICIAL DO ESPAÇO _____

Pelo relato Bíblico (Gênesis 12-17), Abraão – um nômade pastoril – saiu de Ur, na Caldéia, migrando com sua família, servos e animais para a terra de Canaã, que lhe fora prometida pela Divindade (Gênesis 12:7), e lá chegando imediatamente construiu um altar²², colocando sua *succab*²³ (cabana) entre *Bethel* e *Ai* (Gênesis 12:8). Quando uma seca assolou a região, seguiu para o Egito, retornando a Canã e montando sua *succab* junto a *Hebron*, onde construiu um altar (Gênesis 13:18), bem como uma série de santuários ao longo da terra. Seu filho Isaac manteve a mesma existência nômade do pai (Gênesis 21-25), assim como seu

²² Cf. Chouraqui 1995:352 relativamente a santuários.

²³ *Succab* significa cabana, e seu plural é *Succot*. Pequenas localidades, com tendas, tinham o mesmo nome.

²⁴ Cf. recente discussão de Rosendahl, 1996:26-39, a respeito da gênese e função das cidades.

A VISÃO ANTROPOLÓGICA, MAIS ACEITA NA ATUALIDADE (PLOG & BATES, 1980; GROSS, 1992), SOBRE A RELAÇÃO ENTRE NOMADISMO PASTORIL E AGRICULTORES É A DE QUE A SEDENTARIZAÇÃO NÃO É UM AVANÇO EM RELAÇÃO AO NOMADISMO, POSTO TEREM OS NÔMADES MOBILIDADE, O QUE IMPEDE SEU CONTROLE POR GOVERNOS CENTRALIZADOS, QUE NÃO ATENDEM AS SUAS NECESSIDADES ESPECÍFICAS

neto Yaakov (Gênesis 21-35), pai dos fundadores das Doze Tribos que posteriormente dividiram a Terra Prometida entre si (Números 13; e Livro de Josué 1; 6; 11; 23).

Ao longo do texto Bíblico, em paralelo à saga do povo, desenrola-se também uma história de conquista espacial. Há indícios de uma sedentarização gradual dos hebreus, devida à expansão populacional, a qual demandava uma agricultura mais previsível e com maiores rendimentos para alimentar a crescente população. Em uma correlação entre o processo de sedentarização, agricultura e urbanização²⁴, é interessante notar a passagem Bíblica que diz: “E Yaakov partiu para Succot, e edificou para ele uma casa, e para seu gado fez cabanas; por isto chamou o nome do lugar Succot” (Gênesis 33:17). De

acordo com Miner & Rawson (1990), foi esta cidade que deu o nome à Festa de Succot, que é também denominada Festa das Cabanas, em homenagem às cabanas (*succot*) que Yaakov lá construiu.

O filho de Yaakov, José, cuja história é relatada em Gênesis 37-50, levou seu povo ao Egito onde, após um período de bonança, enfrentaram a escravidão (Êxodus 1-40) e de onde saíram, após passar por uma cidade egípcia também chamada

Succot e vagar quarenta anos pelo Deserto do Sinai, para retornar à Terra Prometida, a seus ancestrais.

Foi naquele período que os hebreus se constituíram como povo, aspirando à reconquista da Terra Prometida a seus ancestrais: Abraão, Isaac, e Yaakov, sob a liderança de Moisés e guiados pelos Mandamentos recebidos ao pé do Monte Sinai. Em outras palavras, a *Torab* foi, pela tradição, entregue ao povo nos pés do Monte Sinai, no Deserto do mesmo nome, sendo considerada a maior hierofania da história. Durante os quarenta anos em que os hebreus vagaram no deserto não há relato de agricultura ou de pastoreio, e sim de um alimento sagrado, o *Manab*, que milagrosamente caía dos céus, alimentando o povo (Êxodus 16:13-15).

O PAPEL CODIFICADOR DA
RELIGIÃO EM RELAÇÃO AO
NOMADISMO E À
SEDENTARIZAÇÃO: ESPAÇO E
CULTURA _____

O Êxodo do povo hebreu do Egito e a Aliança renovada daquele povo com a Divindade marcaram profundamente as formas ritualizadas do judaísmo. Foi a partir de então que se intensificou um processo de sedentarização, baseado na agricultura e em uma incipiente urbanização²⁵. Há a transformação da

liberdade do nomadismo – expressa no conceito de *espaço* de Tuan (1983) – para a imobilidade sedentária da agricultura, expressa no conceito de *lugar* (Tuan, 1983), o qual implica *sentimentos espaciais e experiência*, um *espaço vivido* por um grupo ou um povo, tornando-se assim:

AO LONGO DO TEXTO
BÍBLICO, EM PARALELO À
SAGA DO POVO,
DESENROLA-SE TAMBÉM
UMA HISTÓRIA DE
CONQUISTA ESPACIAL. HÁ
INDÍCIOS DE UMA
SEDENTARIZAÇÃO GRADUAL
DOS HEBREUS, DEVIDA À
EXPANSÃO POPULACIONAL,
A QUAL DEMANDAVA UMA
AGRICULTURA MAIS
PREVISÍVEL E COM MAIORES
RENDIMENTOS PARA
ALIMENTAR A CRESCENTE
POPULAÇÃO

lugares, centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação (Tuan, 1983:4).

Em geral as áreas ocupadas para o pastoreio em zonas já ocupadas pela agricultura, ou em um processo de expansão agrícola, são aquelas consideradas como inférteis pelo camponês. Para o rebanho, a vegetação nativa esparsa transforma-se em carne, leite, gordura, sangue e couro, fornecendo um suprimento alimentar protéico de grande valor para a população pastoril. Vale, no entanto, lembrar que o nomadismo pastoril pode ser

associado a uma agricultura/horticultura incipiente, para a suplementação adequada de calorias à dieta dos pastores. Com o aumento da população pastoril, costumeiramente incrementa-se a produção agrícola (podendo, também, ocorrer troca de produtos animais por vegetais, em uma relação de

²⁵ Referir-se à nota de pé-de-página anterior.

interdependência entre pastores e agricultores). No caso sob estudo, o nomadismo pastoril dos povos que vieram com Abraão, de Ur, na Caldéia, deparou-se com regiões de periferia em termos de fertilidade de solos, posto já haver uma ocupação humana prévia na área: Ammon, Moab, Sodoma, Gomorra, Egito, Filisteus e outros reinos.

No início, devido à pequena população que vinha com Abraão, não houve maiores problemas: a compra de terras dos nativos e a instalação de altares, sacralizando e tomando posse da terra, era praxe.

Com o aumento populacional, já citado anteriormente por Harris (Op. cit.), surge a necessidade de criar/aumentar a produção agrícola para aquele povo que passava a competir com seus vizinhos pelas porções disponíveis de espaço agrário.

Como já dito anteriormente, os grandes rituais decorrentes do texto Sagrado do Judaísmo – ordenados e regulamentados ao povo pela Divindade no deserto e contendo os rituais a serem realizados na Terra a ser ocupada – são cinco e, deles, três são festas de colheita associadas ao Êxodo do Egito, a saber, *Pessach*, *Shavuot* e *Succot*:

(...) *As três festas da colheita (...) têm uma dimensão histórica de comemoração do Êxodo, mas*

O NOMADISMO PASTORIL DOS POVOS QUE VIERAM COM ABRAÃO, DE UR, NA CALDÉIA, DEPAROU-SE COM REGIÕES DE PERIFERIA EM TERMOS DE FERTILIDADE DE SOLOS, POSTO JÁ HAVER UMA OCUPAÇÃO HUMANA PRÉVIA NA ÁREA: AMMON, MOAB, SODOMA, GOMORRA, EGITO, FILISTEUS E OUTROS REINOS

NO INÍCIO, DEVIDO À PEQUENA POPULAÇÃO QUE VINHA COM ABRAÃO, NÃO HOUVE MAIORES PROBLEMAS: A COMPRA DE TERRAS DOS NATIVOS E A INSTALAÇÃO DE ALTARES, SACRALIZANDO E TOMANDO POSSE DA TERRA, ERA PRAXE

também comemoram as três estações da colheita do ano agrícola na terra de Israel [grifo meu]. Assim, Pessach é o início da colheita da cevada,; Shavuot...é a época da colheita do trigo e o começo da estação das primeiras frutas, e Sukot [sic] o tempo da colheita das uvas e demais produtos do campo (Unterman, 1992:70).

A ênfase sobre a "Terra de Israel" (Eretz Yisrael) mostra claramente a vinculação da religião judaica – de seus ritos e mitos – com a terra agrícola,

criando o que na geografia denomina-se uma religião de tipo local (Tuan, 1983). Este tipo vincula um povo a um *lugar*, fornecendo-lhe um sentido histórico de continuidade, criando assim um "Centro do Mundo" (Rosendahl, 1995:45), de onde emana uma

sacralidade passível de ser recriada – temporal e espacialmente – através do ritual. Ou seja, faz parte de uma **territorialidade**, que é

o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território (Rosendahl, 1995:56).

Os estudos Bíblicos têm demonstrado a importância da

terra, *Eretz Yisrael*, tanto como fator religioso quanto social, cultural, econômico e ecológico. Para um povo que sofria uma grande expansão populacional, e que praticava o nomadismo pastoril nas zonas inóspitas e periféricas do Oriente Médio, fixando-se crescentemente em uma região de passagem entre a África e a Ásia e entre a Europa e a África, tornava-se cada vez maior a importância da agricultura e a concomitante ocupação e criação de cidades para usufruto do fluxo de comércio que a localização das terras privilegiava. Inicialmente, segundo Chouraqui:

... os israelitas, provavelmente berdeiros dos antigos Hapirou, fazem o que querem no campo, mas deixam em paz os da cidade: situação verossímil, uma vez que estes viviam do produto de seu jardim e, sobretudo, do seu comércio... [existiam] relações indispensáveis, mas por vezes tumultuosas, entre os nômades tornados cultivadores e os comerciantes citadinos (1995:34).

Assim, para fins de ocupação agrícola, e mesmo de garantia de pastoreio, a terra:

(...) com seus direitos e privilégios concomitantes, foi fator de grande alcance histórico e teológico para a vida e a fé de Israel. Por um lado, era a fonte primeira da riqueza econômica, fornecendo a base

para a prosperidade das famílias e da nação em seu conjunto. Por outro lado, estava impregnada de sentido teológico profundo, tendo-se tornado sinal visível do relacionamento permanente que existia entre [Deus] e seu povo... A história de Abraão começa com a promessa do dom da terra... a promessa foi significativa [pela seguinte] razão... frisava o fato de que o povo não morava numa terra a que apenas os trouxeram as vicissitudes da história, e sim numa terra que lhes fora destinada por [Deus] antes mesmo de Israel se tornar nação. A ocupação permanente da terra dependia do cumprimento por parte de Israel dos mandamentos [Divinos] (Davies, 1989:335/6/7) [Grifo meu].

A ÊNFASE SOBRE A
"TERRA DE ISRAEL" (ERETZ
YISRAEL) MOSTRA
CLARAMENTE A
VINCULAÇÃO DA RELIGIÃO
JUDAICA – DE SEUS RITOS E
MITOS – COM A TERRA
AGRÍCOLA, CRIANDO O
QUE NA GEOGRAFIA
DENOMINA-SE UMA
RELIGIÃO DE TIPO LOCAL

Especialmente em Deuteronômio, a importância da terra²⁶

para a existência de Israel é o tema central. Fica claro neste Livro que a terra é um dom Divino, que deve ser mantido através da obediência do povo às ordens da Divindade, entre as quais incluem-se provisões para alimentar as viúvas, os órfãos e os estrangeiros (Dt 26:12); para que nos tempos da colheita sejam deixados para trás produtos agrícolas para que sejam colhidos pelos membros mais fracos da comunidade (Dt 24:19-21); para que a cada três anos um décimo das colheitas seja reservado aos necessitados (Dt. 14:28). Em Levítico 25:23 encontra-se a lei que determina que toda terra é propriedade Divina, não

²⁶ *Nabalab*, em hebraico, é um pronome que pode ser utilizado intercambiavelmente para *terra* e *solo*.

podendo ser comprada ou vendida segundo caprichos individuais, devendo seguir normas estritas para uso. Nos escritos dos Profetas, em especial Jeremias, o significado da terra para a vida do povo é enfatizado a tal ponto que tanto a terra quanto o povo são igualmente denominados como "nabalab (herança) do Senhor" (Jeremias, 12:7-13). A perda da terra e sua infertilidade são sempre devidas à quebra das obrigações de Israel frente ao Contrato efetuado com o Divino no Monte Sinai.

Ao longo de todo o *Tanach* encontram-se referências ao uso da terra e de seus recursos bióticos e abióticos, regulamentando seu uso, através do tempo, por homens, plantas e animais. A regulamentação dá-se através de mandamentos diversos, vários deles sobre os rituais a serem realizados: suas datas, duração, formas, sacrifícios e oferendas, tal como é feito para *Succot* em Êxodus 23:16; Levítico 23:33-36 e 39-42; Números 29:12-38, e Deuteronômio 16:13-15, conforme já mencionado anteriormente.

CONCLUSÃO: O DESERTO E A VOZ DOS PROFETAS _____

A agricultura, baseada em uma combinação de plantas domesticadas com animais, precedeu o pastoralismo especializado. Tal estratégia era uma tática importante contra secas, enchentes, fitopatologias e outros desastres naturais. Assim, perguntam-se Plog & Bates (1980), qual seria a vantagem do nomadismo? Se os humanos podem produzir dez vezes mais alimentos através da agricultura do que através do pastoreio, por que existe este último?

Conforme indicam os dados antropológicos e arqueológicos, foram os desenvolvimentos tecnológicos na área de irrigação que tornaram possível o pastoralismo especializado e exclusivo, pois aumentavam a produção de forma a permitir o aumento da população e dos assentamentos humanos²⁷, com o conseqüente crescimento das áreas destinadas à produção agrícola e com o concomitante decréscimo da área destinada ao pastoreio. De qualquer forma, "o pastoralismo é uma estratégia baseada no *surplus* agrícola e na interação regular entre pastores e agricultores" (Op. cit.: 130). Há ainda um outro dado importante, já mencionado anteriormente, segundo o qual:

o pastoralismo é uma estratégia adequada para converter as gramíneas – fontes de energia que os humanos não podem consumir diretamente – em produtos utilizáveis: leite, sangue, e carne.... O pastoralismo é, então, uma maneira eficiente de se extrair energia de um ambiente não adequado à agricultura. Mas, uma vez que tal sistema produz muito menos energia por acre do que a agricultura, os pastores especializados [e exclusivos] devem necessariamente ter baixas densidades populacionais (Plog & Bates, 1980:131) [Grifo meu].

Está é pois uma das razões pelas quais os pastores usualmente são nômades: a eles cabe a exploração das áreas marginais, não adequadas à agricultura o que, conforme já mencionado anteriormente, lhes dá autonomia política.

Eis aqui, então, a explicação para a *performance* do ritual: sendo o *Succot* um ritual celebrado após a estação da colheita e após a armazenagem, durante

²⁷ Em contraste com a posição de Esther Boserup, em seu livro *Population and Technological Change: A Study of Long Term Trends*, Chicago University Press, 1981, que afirma que é a pressão populacional que induz às mudanças tecnológicas.

o qual por sete dias no passado ofereciam-se sacrifícios e doações de origem agrícola aos templos – que eram também centros de estocagem para as cidades – nada mais natural de que tais comemorações se dessem em um espaço – a *Sukkat* – que recriasse as condições do deserto, quando o povo ainda era nômade, livre para ir e vir, sem controles de autoridades com as quais não tinham contato direto e que sequer serviam necessariamente a seus interesses tribais ou pessoais. Segundo Geertz:

É na concretidade do ritual religioso, principalmente os mais elaborados e públicos, que as crenças religiosas comuns de uma sociedade são confirmadas, sendo onde e quando simbolicamente fundem-se seu ethos e sua visão-de-mundo (1978:128).

Não é por acaso que os profetas constantemente buscavam o contato com a Divindade no deserto. Isaías 40:3-4 nos diz para novamente entrarmos em contato com Deus, tal como os Hebreus o fizeram quando da saída do Egito, em sua peregrinação pelo Sinai: "A voz que clama do Deserto, preparem-se para os

caminhos do Senhor, criam direto do deserto um caminho para Deus". Não é por acaso que as profecias²⁸ se referem "a uma renovação da antiga cultura dos pastores Hebreus, indo até o tempo dos Patriarcas, quando chegaram à terra dos Filisteus, lá cavaram poços, e cuidavam de seus rebanhos" (Feliks, 1981:165).

Mais ainda, não é por acaso que esta seja considerada a mais alegre festa do grande calendário ritual judaico, posto ser ela representativa de um tempo em que o povo era livre, em que o povo se movimenta pelo espaço, em pequenos grupos, obedecendo a uma hierarquia que claramente o representava. Segundo lembra Edmund Leach, em seu trabalho "Genesis as Myth" (1967), em Gênesis 4:4-5, as atividades de Abel, como pastor, eram muito mais agradáveis aos olhos do Senhor que as de Caim, um agricultor. Lembra-nos também este mesmo autor, que Yaakov era um nômade sob a proteção Divina (Gênesis 28), mas quando obteve o status de ancestral, com base territorial, Deus tornou-o coxo (Gênesis 32:24-32); e por fim um quadro representativo dos quatro primeiros capítulos do Gênesis nos mostra, através de uma análise estrutural, que:

VIDA	Mundo em Movimento	gado ovelhas	ABEL (Pastor)
MORTE	Mundo Estático	cereais	CAIM (Agricultor)

Figura extraída e condensada da página 7, do texto "Genesis as Myth", in: Myth and Cosmos: Readings in Mythology and Symbolism, Ed. John Middleton – The Natural History Press – Nova Iorque, 1967.

O objetivo específico deste trabalho foi o de analisar o ritual de *Succot*, que lembra os quarenta anos em que o povo hebreu vagou pelo deserto, sob a proteção Divina, antes de atingir a Terra Prometida, ao mesmo

tempo em que comemora o fim da estação agrícola. Como bem expresso por Rose (1992), *Succot* é a maior festividade ambiental do judaísmo, aquela que une o conceito moral ao mundo da natureza.

²⁸ Aqui compactadas por uma questão de limites do presente trabalho.

Succot, com sua ênfase na (1) construção das cabanas, com seu teto aberto para se ver as estrelas e as paredes decoradas com produtos vegetais; (2) com o grito de Hoshanah (Oh, Liberta-nos!); (3) nos cânticos de Hallel, com sua lembrança dos tempos do Êxodo no deserto; (4) na alegria das danças dos homens com as tochas ardentes, separados por um muro das mulheres que brincam com a água; (5) com as "Quatro Espécies" sendo brandidas para todos os quadrantes, para cima e para baixo, para afastar os "ventos destrutivos" (que vinham do Deserto); (6) com as espécies vegetais, centralizadas na árvores – *Etz, que também é D-us, a Terra e a Torah* – que são a do "Bem e do Mal" e a da "Vida" (sob cuja sombra saem as águas que abastecem o mundo); (7) com a leitura de Eclesiastes, com sua ênfase na futilidade da vida comum; (8) com seus sacrifícios de produtos agrícolas no passado; e (9) com o convite para os

Patriarcas e Reis participarem da comensalidade ao lado do povo comum; condensa admiravelmente as lembranças de um povo que "sente saudades" do Deserto, da vida nômade, da vida igualitária (que só foi possível até o rei David), da Vida, enfim.

Analisando o ritual de *Succot* mediante o conceito de (1) cultura para o estudo do ritual²⁹; de (2) território e territorialidade (Rosendahl, 1995), e de práticas espaciais (Corrêa, 1995), para entender sua relação com o espaço, pode-se afirmar que a religião, através de seus rituais, cria uma territorialidade através de práticas espaciais que:

Resultam, de outro lado, de diversos projetos, também derivados de cada tipo de sociedade, que são engendrados para viabilizar a existência e a reprodução de uma atividade ou de uma empresa, de uma cultura específica, étnica ou religiosa, por exemplo, ou a sociedade como um todo... São meios efetivos através dos quais objetiva-se a gestão do território, isto é, a administração e o controle da organização espacial em sua existência e reprodução (1995:35) [Grifo meu].

Estes meios "efetivos através dos quais se objetiva a gestão do território" podem também ser denominados de "formas cotidianas de resistência"³⁰, ou seja, como colocado por Scott (1985), as classes mais simples mantêm suas próprias idéias sobre o que é melhor para

MANTÊM RITUALIZADAS AS "FORMAS COTIDIANAS DE RESISTÊNCIA" QUE PODERIAM SURGIR E QUE EFETIVAMENTE SURGIRAM EM ÉPOCAS DISTINTAS DA HISTÓRIA JUDAICA. A VIDA NO DESERTO, COM SUA IGUALDADE, SIMPLICIDADE, E MOVIMENTO – VIDA, COMO NOS MOSTROU LEACH (OP. CIT.) – OPÕE-SE À HIERARQUIZAÇÃO E AO IMOBILISMO CARACTERÍSTICOS DA AGRICULTURA E DA URBANIZAÇÃO, OU SEJA, A MORTE

²⁹ Lembrar que a origem da palavra cultura é culto.

³⁰ Ver "*Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*", James C. Scott - Yale University Press - EUA, 1985.

elas mesmas e resistem a dominações hegemônicas e ideológicas das classes dominantes. Para tanto, utilizam-se do mesmo sistema de valores que as classes dominantes utilizam para exercer controle sobre os recursos econômicos e simbólicos de uma sociedade.

Assim, o ritual de *Succot* é uma lembrança, guardada ciosamente pelo povo ao longo de milênios – através da alegria e da manipulação de elementos naturais *água, fogo, vegetais, e animais*, bem como dos cânticos pedindo a *Salvação*, e da partilha dos alimentos com os Patriarcas e Reis Salomão e David – que lembra a igualdade, característica ideológica marcante de uma sociedade nômade, e que se desfez com a agricultura, a sedentarização e a urbanização a que os obrigaram o crescimento populacional e as condições ecológicas da região.

Neste sentido, o texto sagrado, o *Tanach*, comumente dividido pelas diferentes classes que

compuseram e compõem o povo judeu, e sua injunção para a realização da “Festa dos Tabernáculos”, mantém ritualizadas as “formas cotidianas de resistência” que poderiam surgir e que efetivamente surgiram em épocas distintas da história judaica. A vida no Deserto, com sua igualdade, simplicidade, e movimento – Vida, como nos mostrou Leach (Op. Cit.) – opõe-se à hierarquização e ao imobilismo característicos da agricultura e da urbanização, ou seja, a Morte. Não é sem razão que Isaías 40:3-4 conclama o povo e seus dirigentes a ouvirem:

A Voz que clama do Deserto. Preparem os caminhos do Senhor, façam estradas diretas no Deserto para D-us. Cada vale deve ser levantado, cada montanha ou morro deve ser nivelado, o torto deve ser corrigido, e os locais ondulados devem ser aplainados.

BIBLIOGRAFIA

- BLOOMFIELD RAMAGEM, Sonia. *A Fênix de Abraão*. Brasília: UnB, Departamento de Antropologia, 1983. Dissertação de Mestrado.
- _____. "O Shabat: Uma Análise Antropológica". in: *Revista Shalom*. São Paulo: Editora Shalom, 1985.
- _____. *The Moral Economy of a Kibbutz in a Time of Crisis*. Washington, D. C.: The Catholic University of America, Departamento de Antropologia, 1993. Tese de Doutorado.
- _____. "Judaísmo e Mundo Natural". Trabalho apresentado na XX Reunião Brasileira de Antropologia, Abril 1996(a).
- _____. "Judaísmo e Ecologia: um Encontro Entre a Cultura e o Espaço". Trabalho apresentado no X Encontro Nacional de Geógrafos, Julho 1996(b).
- BREULLY, Elizabeth & PALMER, Martin. *Christianity and Ecology* (ed. Aubrey Rose). Londres e Nova Iorque: Cassell Publishers/World Wide Fund for Nature, 1992.
- CLEMENTS, Ronald E. "Israel in its Historical and Cultural Setting". In: *The World of Ancient Israel: Sociological, Anthropological and Political Perspectives* (Ed. R.E. Clements). England: Cambridge University Press, 1993.
- CHOURAQUI, André. *A Bíblia: No Princípio (Gênesis)*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- _____. *A Bíblia: Nomes (Êxodo)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- CORRÊA, Roberto Lobato – "Espaço, um Conceito-chave da Geografia". in: *Geografia: Conceitos e Temas*. [Castro, Iná E.; Gomes, Paulo C.; Corrêa, Roberto L. (org)], Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1995.
- CUNHA, Antonio G.. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ELIADE, Mircea. "L'espace Sacré: Centre du Monde". In: *Traité d'histoire des Religions*. Paris: Payot, 1959.
- FELIKS, YEHUDA. *Nature & Man in the Bible*. New York: The Soncino Press, 1981.
- FRICK, Frank S.. "Ecology, Agriculture and Patterns of Settlement". In: *The World of Ancient Israel: Sociological, Anthropological and Political Perspectives* (ed R.E. Clements). England: Cambridge University Press, 1993.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GOTTWALD, N.V.. *The Tribes of Yahweh. A Sociology of the Religion of Liberated Israel 1250-1050 B.C.E.*. Nova Iorque, 1979.
- GROSS, Daniel R.. *Discovering Anthropology*. California: Mayfield Publishing Co., 1992.
- HARRIS, Marvin. *Vacas, Porcos, Guerras e Bruxas: Os Enigmas da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HIEBERT, Theodore. "Nature and Ecology". In: *The Oxford Companion to the Bible* (Metzger & Coogan (ed)). Oxford: Oxford University Press, 1993.

KHALID, Fazlum M. & O'BRIEN, Joanne. *Islam and Ecology*. Londres e Nova Iorque: Cassell Publishers/World Wide Fund for Nature, 1992.

LEACH, Edmund. "Genesis as Myth". In: *Myth and Cosmos: Reading in Mythology and Symbolism* (Ed. John Middleton). New York: The Natural History Press. Garden City, 1967.

LEMICHE, N. P. "Early Israel. Anthropological and Historical Studies on the Israelite Society before the Monarchy" in: *SVT 37*. Leiden, 1985.

LOCKS, Gutman G.. *The Spice of Torah – Gematria*. New York: Judaica Press, 1985.

MENDENHALL, G. E.. "The Hebrew Conquest of Palestine". in: *Biblical Archeologist 25*, 1962.

METZGER & COOGAN (ed.). *The Oxford Companion to the Bible*. Inglaterra: Oxford University Press, 1993.

MINER & RAWSON. *A Dictionary of Quotations from the Bible*. Nova Iorque: Signet, 1990.

PLOG & BATES. *Cultural Anthropology*. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1980.

ROGERSON, John W.. "Anthropology and the Old Testament". In: *The World of Ancient Israel*. Inglaterra: ed. R. E. Clements; Cambridge University Press, 1993.

ROSE, Aubrey (ed). *Judaism and Ecology* (ed. Aubrey Rose). Londres e Nova Iorque: Cassell Publishers Ltd./World Wide Fund for Nature, 1992.

ROSENDAHL, Zeny. "Geografia e Religião: Uma Proposta". In: *Espaço e Cultura* Ano I, No. 1. Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1995.

_____. "O Sagrado e o Urbano: Gênese e Função das Cidades". In: *Espaço e Cultura* Ano I, No. 2. Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1996.

SAFRAN, Alexandre. *Sabedoria da Cabalá*. São Paulo: Editora Colel Torá Temimá do Brasil, 1995.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1992.

BIBLIOGRAFIA POR OBRAS DE REFERÊNCIA

A LEI DE MOISÉS E AS "HAFTAROT". TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS DO RABINO MEIR MASLIAH MELAMED – TEMPLO ISRAELITA BRASILEIRO OHEL YAACOV – SÃO PAULO, 1996.

(BÍBLIA) THE NEW ENGLISH BIBLE – WITH THE APOCRYPHA. Nova Iorque: Oxford University Press, 1971.

THE JERUSALEM HEBREW-ENGLISH BIBLE: TORAH, NEVIIM, KETUVIM. Israel: Koren Publishers of Jerusalem, 1990.

STUDIES IN THE BIBLE – Nehama Leibowitz – Tel Aviv University/Ministério da Educação – Israel – 1960.

- . Bereshit (Gênesis)
- . Shemot (Êxodus)
- . Vayikra (Levítico)
- . Bamidbar (Números)
- . Devarim (Deuterônimo)

ENCYCLOPEDIA JUDAICA. (ed) Cecil Roth – Edição em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Tradição S.A., 1967.

MIDRASH RABBAH. (ed) H. Freeman & M. Simon. Nova Iorque: Judaica Press, 1990.

MISHNAH. (ed) Philip Blackman. Nova Iorque: Judaica Press, 1980.

SHULCHAN ARUCH (Código das Leis Judaicas). (ed) Ganzfried, Solomon & Goldin, Hyman E. Nova Iorque: Hebrew Publishing Company, 1961.

TALMUD: THE STEINSALTZ EDITION – Comentários por Adin Steinsaltz. Nova Iorque: Random House, 1989.

- . Bava Metzia, I, II, III, IV, V, VI
- . Ketubot, I, II, III
- . Tanit

TORAH – A Modern Commentary – (ed) Gunther Plaut. Nova Iorque: Union of American Hebrew Congregations, 1981.

